Crise eleva desigualdade no país, diz FGV

Estudo aponta que, desde janeiro, classes AB e C perderam espaço na economia; analista atribui fato à queda do PIB no 4º tri

Especialista diz, no entanto, que amostra é pequena e que não se pode falar em retomada da tendência de expansão da desigualdade

DENISE MENCHEN
DA SUCURSAL DO RIO

A desigualdade social brasileira, em queda desde o início da década, mudou de trajetória com o agravamento dos efeitos da crise econômica global sobre o país, desde outubro passado.

Usado como referência para mensurar a concentração de renda de uma sociedade, o índice de Gini chegou a 0,571 em fevereiro, depois de ter atingido o pico de 0,560 em meados de 2008. O índice varia de zero a 1, sendo que zero representa a distribuição igualitária e 1, a concentração máxima.

Os dados constam do estudo “Crônica da Crise: Ressaca e Resiliência Recentes”, bascado na renda do trabalho medida pela Pesquisa Mensal do Emprego do IBGE. Divulgada ontem, a publicação mostra que o movimento mais brusco na desigualdade ocorreu em janeiro, quando, segundo o economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getulio Vargas), “a crise chegou ao brasileiro comum.”

Ele diz que, naquele mês, não foi apenas a classe AB que perdeu participação na estrutura social brasileira, o que vinha ocorrendo desde setembro de 2008. Também a classe C teve sua participação reduzida, em 2,2%. Em contrapartida, as classes D e E, em queda contínua desde fevereiro de 2003, voltaram a ganhar espaço. A participação delas cresceu, respectivamente, 3% e 6,7%, no que o pesquisador chamou de “ressaca de janeiro”.


No estudo, encaixam-se na faixa AB quem tem renda domiciliar total acima de R$ 4.807. Na C, quem tem renda entre R$ 1.115 e R$ 4.807; na D, entre R$ 804 e R$ 1.115; e, na E, quem tem renda de até R$ 804.

Para a professora Lena Lavínas, do Instituto de Economia da UFRJ, o dado não surpreende, já que o que havia promovido a redução da desigualdade no período pré-crise foi a retomada do crescimento econômico, do nível de emprego formal e dos rendimentos médios. “Na medida em que a crise leva à perda de postos de trabalho e à precarização do emprego, é mais do que esperado que a gente assista a uma interrupção na tendência de queda de desigualdade”, diz.

O pesquisador diz, porém, que a crise aumentou de fato o risco de trabalhadores das classes A, B e C cairem para patamares mais baixos. Segundo ele, entre setembro e dezembro, a chance era 2% maior que no cenário anterior à crise. Desde janeiro, passou a ser 12% maior.

Para o setor financeiro e a indústria, a situação é pior. A chance de um trabalhador do setor financeiro deixar as classes A, B e C entre setembro e dezembro era 9% maior que antes da crise. A partir de janeiro, ficou 13,5% maior. Na indústria, esses índices são de 2,7% e 4,1%, respectivamente.

Lavínas ressalta que, “a crise leva à perda de postos de trabalho e à precarização do emprego, é mais do que esperado que a gente assista a uma interrupção na tendência de queda de desigualdade.”

LENA LAVÍNAS
professora do Instituto de Economia da UFRJ
Índice de Gini cresce em relação ao ano anterior e chega a 0,571 em fevereiro

DESIQUALIDADE EM FEVEREIRO
Pelo índice de Gini, no qual 0 representa a inexistência de desigualdade e 1 a desigualdade máxima

COMPORTAMENTO DAS CLASSES SOCIAIS

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>No período pré-crise</th>
<th>No período pós-crise</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>A</td>
<td>35,0</td>
<td>-3,8</td>
</tr>
<tr>
<td>B</td>
<td>25,0</td>
<td>-0,9</td>
</tr>
<tr>
<td>C</td>
<td></td>
<td>-15,9</td>
</tr>
<tr>
<td>D</td>
<td></td>
<td>1,1</td>
</tr>
<tr>
<td>E</td>
<td></td>
<td>5,1</td>
</tr>
</tbody>
</table>

*De fevereiro de 2003 a setembro de 2009
**De setembro de 2008 a fevereiro de 2009
Fonte: IBGE